



Do conjunto das «semanas» e dos «dias» de recepção aos novos alunos das Faculdades de Lisboa, duas particularidades avultam: o incremento dado às realizações culturais, e a definição, feita por alguns, das tarefas que competem às três mais poderosas Organizações Circum-Ecolares da Universidade.

\* \* \*

Os organismos estudantis que promoveram «semanas de Recepção» — Associação de I. S. T., Centro Universitário de Lisboa e Conselho Pró-Associação de Medicina — esforçaram-se por se superar a si próprios e aos seus órgãos — muito embora esse esforço

valor e dessa força, foram amplamente beneficiados. A participação das manifestações culturais foi mais vasta, melhor organizada e, mesmo, mais finamente escolhida do que tinha sido em anos anteriores. Parece ter-se abandonado, felizmente, o conceito errado das «manifestações de fachada», destinadas

espirituais e culturais do universitário português.

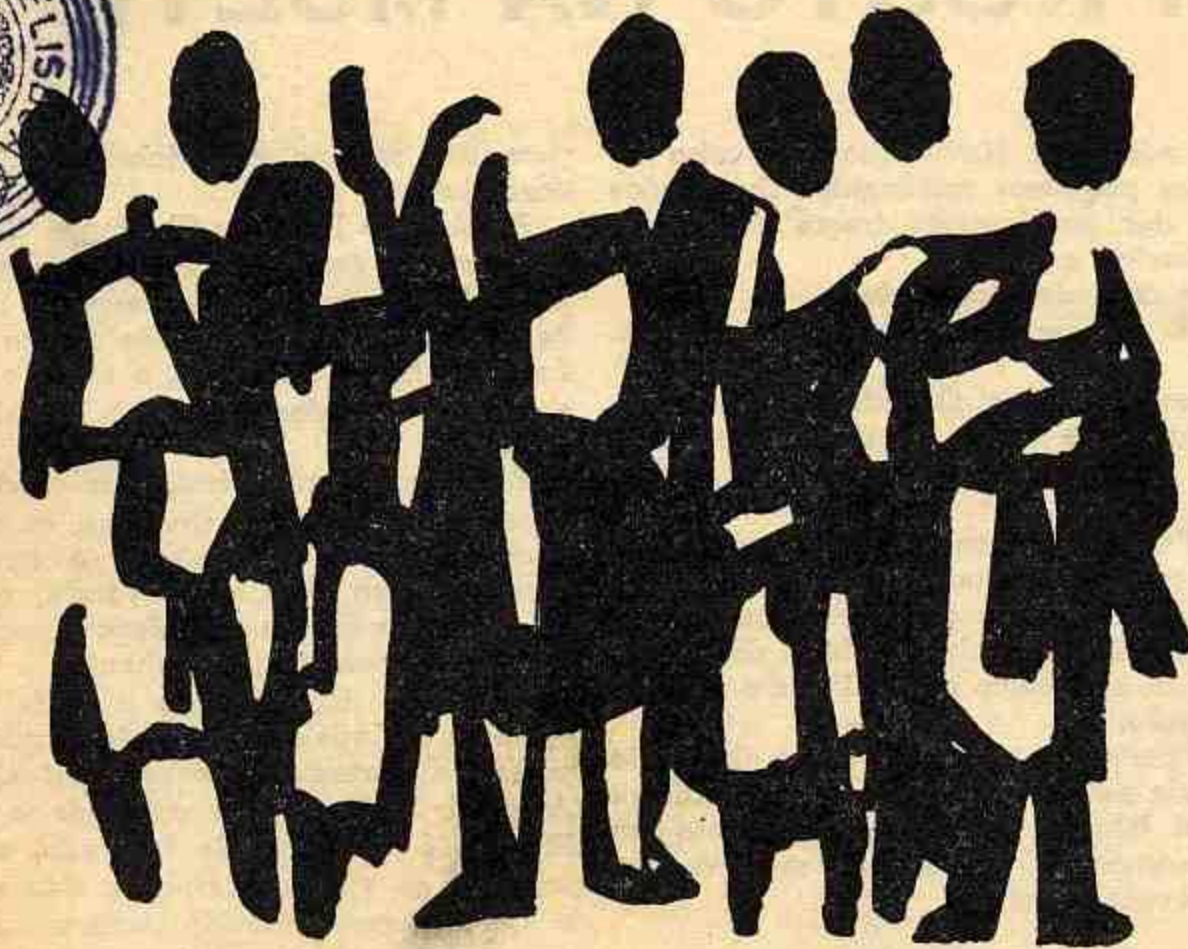
A parte de convívio, até aqui hipertrofiada no seu valor e simultaneamente mal compreendida e interpretada nas suas finalidades, vai tomando progressivamente o lugar que lhe compete, nele se enquadrando muito mais harmónicamente do que no lugar de excessivo relevo que se lhe dava.

Das Faculdades que, apesar de não apresentarem um programa completo procuraram contribuir para uma maior e melhor cultura geral dos seus alunos, deve salientar-se Letras, com uma muito razoável exposição de poesia e pintura, intimamente ligadas, como convém a dois temas que tantas afinidades possuem.

Sublinhe-se pois este surto de bom senso, atribuindo-se-lhe o relevo que merece.

De todos os discursos que ouvimos, um nos impressionou sobremaneira, pela quase

## ASSOCIAÇÕES - C. U. L. - J. U. C.



novidade que apresenta e pela coragem que pressupõe a sua formulação no meio dum tão confuso panorama universitário.

Referiu-se o orador — e por mais de uma vez, a marcar bem que não era uma alusão accidental, mas um desejo explícito de marcar posições — às inter-relações, aos meios de que se servem e às finalidades dos três organismos circum-escolares mais bem organizados, mais poderosos e mais influentes, dizendo não ver razões para entre eles existirem rivalidades, antagonismos ou mesmo luta.

Associações de Estudantes, Juventude Universitária Católica e Centro Universitário de Lisboa — segundo ele — são organizações paralelas e não rivais, cujo fim último e igual é o bem do universitário português. Não se compreendem pois as querelas e as questões existentes.

Se bem que já relativamente antiga, é a primeira vez que temos notícia da explanação desta ideia em reuniões oficiais, dando-lhe um relevo e uma urgência tão grandes como os que lhe foram dados.

de superação não tenha sido explicitado por palavras, ele adivinha-se —, na mira absolutamente legítima e natural de darem aos novos alunos a certeza da sua existência, a prova das suas possibilidades e o vislumbre da sua força — psicológica ou material.

Desse esforço de superação resultou que os alunos em geral — novos e não novos, porque de todos se compunha a assistência aos espectáculos, às conferências, aos recitais, às exposições — além da verificação desse

## RECEPÇÃO AOS CALOIROS

simplesmente a deslumbrar ou a atrair o maior número de gente, começando agora a caminhar-se decididamente para um novo conceito do que são as necessidades estéticas,

Resta saber se o organismo em nome do qual foram proferidas estas palavras será o que se encontra em posição vantajosa — no campo das suas influências, do seu poder e da sua extensão no meio estudantil — porque o valor que se lhes deve atribuir sofre uma transformação radical com a variação dessa posição.

E resta ainda saber o interesse que as duas outras organizações lhes darão.

De qualquer maneira, boa ou má, certa ou errada, pertinente ou não, é uma atitude a registar.

Parece ter-se abandonado, felizmente, o conceito errado das «manifestações de fachada»!

## cinema e cineclubes | 3



## UM ROSTO NA MULTIDÃO

O ambiente pacato de tragédia burguesa tinha-se adensado. Havia qualquer coisa no ar, qualquer coisa estranha e sombria que lucilava nos pequenos rectângulos iluminados das casas, atravessava o vidro transparente e vinha dar aos homens traços diferentes. Lá fora a noite. Cá dentro Rhodes. Dentro de Rhodes, a noite.

Qualquer coisa se escapava da face dele, dos olhos dele, dos gestos dele.

— Sou uma força — gritava — ...Sou uma força. E parecia querer convencer alguém. Não havia ninguém para convencer. Só ele.

Mas havia palmas, muitas palmas, palmas ecoantes e quentes. O velho companheiro, de rosto idiota e calmo, ligava o aparelho que as tinha gravadas na sua máxima intensidade. Rhodes gostava.

No entanto...

Talvez Rhodes não quisesse convencer ninguém. Talvez quisesse convencer-se. Talvez ele tenha visto para além da cortina e alcançado a verdade. Alcançado que a força não era ele, que a força é a máquina, a organização e a sociedade que o criaram como mito. Que a força é a TV, a Rádio, o Cinema, o Livro, o Jornal a máquina perfeita de propaganda que domina e comanda a sociedade dos nossos dias, a Técnica maravilhosa e querida de desconsciencialização, de esquecimento e de abdicação.

O lento fenómeno de desagregação espiritual e de perversão de ideais tinha alcançado o seu fim previsível e desencadeava-se com toda a energia patética que os mitos comunicam aos homens. Rhodes, o grande Rhodes, o insubstituível Rhodes, chegara ao momento em que deveria terminar a sua actuação. Aos homens, como aos títeres, não se deve dar a ilusão prolongada de que são eternos. Os homens devem passar.

Rhodes passara.

Mas, no lugar vazio que ele ocupara, alguma coisa fica, alguma coisa perdura e nos lembra que ele não foi só um mito, que ele foi também uma realidade.

Recuemos um pouco na teia de imagens e olhemos. Olhemos e pensemos.

O ídolo que sobe e que rapidamente cai, dando lugar a um novo ídolo, deixa uma lição, rasga um pouco a cortina que envolve o «Segredo», ilumina fugazmente os bastidores da cena, mas a lição esquece-se porque nem sequer é vista, pelo rasgão da cortina ninguém vê nada porque todos estão habituados a apurar a sua vista para um único plano — e sair do habitual exige um esforço tremendo — além de que o rasgão cedo é remendado, e a luz fugaz é demasiado fugaz para iluminar um mito.

A multidão, como diz o «Vanderbilt 44», esquece depressa. E gosta imenso de criar mitos, de exigir verdades inalteráveis, de se autoenvenenar. A multidão delira por tomar a sua razão quotidiana de ópio.

«(...) a disciplina é relaxada, a filosofia, a história, as línguas, abandonadas. (...) Vive-se no imediato. Apenas conta o trabalho e, após o trabalho, a dificuldade de es-

colha de uma distração. Para quê aprender qualquer coisa, além de carregar botões, ligar comutadores, enroscar parafusos e porcas?

(...) o fecho éclair substitui o botão, pois o homem não tem tempo para reflectir nem para se vestir de manhã. Não há hora de filosofia, nem hora de melancolia.»

É rápido, é simples, é cómodo, e, sobretudo, não obriga a pensar. Liga-se o botão e ouve-se, ouve-se simplesmente.

Lave-se com isto, vista aquilo, ande, pare, desapareça, compre, olhe, o melhor do mundo, gooolo, os radioteatros de papa e de lama, as canções publicitárias, os slongans, a confusão, o caos.

E o ouvinte inalterável, opiado, desfeito, sorridente.

A tragédia enorme da falta de corrente no momento exacto.

Liga-se o botão e vê-se, vê-se simplesmente.

Qual é a maior ilha do mundo, em que ano emigraram as moscas para o polo Sul, porque é que o Sol é quente, porque é que o gato tem bigodes...?

«(...) veio o cinema... no princípio do século XX. Depois a rádio, A Televisão. O elemento massas entrou então em cena. (...) E esse elemento veio simplificar os problemas (...) Primeiro os livros apenas interessavam minorias, aqui e ali. Depois o mundo encheu-se de olhos, de cotovelos, de bocas. A população duplicou, triplicou, quadruplicou. Os filmes e a rádio, os magazines, os livros, foram nivelados, normalizados sob a forma de uma espécie de pasta de bolo. (...) Os clássicos reduzidos para compor emissões de um quarto de hora na rádio, cortados de novo para darem extractos de dois minutos de leitura, enfim, arranjados

para um resumo de Dicionário de dez a doze linhas».

A Rádio, o Jornal, o Cinema, a TV, usados como meios de propaganda, apenas de propaganda, os problemas do espírito afastados, banidos, defraudados no seu direito de cidadania. O mote, o slogan, a opinião dirigida, a reflexão abandonada, a inteligência esquecida.

E por sobre tudo isto, dominando, escarnecendo, uivando, os slongans, os mitos, as verdades-mentiras: sabemos o que queremos, sabemos para onde vamos, o homem rei de si mesmo, a consciencialização.

O endeusamento do rebanho.

Lonesome Rhodes não é mais que um episódio no vasto quadro da tragédia. Não passa do pretexto. É um pretexto duplo. A partir dele se vai construir o edifício. Rhodes é o vagavundo ignorado, o homem solitário na vida que tinha o Céu por tecto e que, quando chovia, sempre encontrava uma prisão para se abrigar.

É o começo do nada.

Depois a Rádio.

Para ele é chegar, ver e vencer. Os ouvintes ouvem-no, os ouvintes obedecem-lhe, os ouvintes adoram-no.

Em seguida Memphis, a televisão, a fama, o primeiro encontro com o «Vanderbilt 44», o homem culto, o homem obscuro.

Por fim Nova Iorque, o empório das multidões, a possibilidade do domínio, a rede de cem milhões de espectadores, o êxito imediato, o começo da embriaguez.

Surge o general que lhe cicia insidiosamente a frase que marcará o começo do fim do drama: Você representa uma força. Você é uma força. É preciso aproveitar essa força.

Rhodes é o único, o intangível, o ídolo, o deus. Por ele, queimam-se colchões na via pública, por ele grita-se histericamente e rompem-se cordões de polícia. Por ele, uma

palavra dele, por um gesto dele, a própria morte. Ver Rhodes e morrer depois.

E a tragédia, que até aí apenas se tinha esboçado tênueamente, adensa-se, avoluma-se, carrega-se. E a tragédia, que poderia não ter existido, entra triunfalmente no palco.

Rhodes torna suas as palavras do general e diz: sou uma força.

E entra na política.

O general é velho, é sabido, é esperto, e nada deixa ao acaso. Surgem efígies de Rhodes nas capas das revistas, multiplicam-se os editoriais, a propaganda gira vertiginosamente e... Rhodes é mesmo uma força. Erigem-se-lhe monumentos, convida-se o ídolo para padrinho de barcos, (que, evidentemente, terão o seu nome), para patrocinador de festivais... e em seu nome e pelo seu nome movem-se Céu e Terra.

E a cotação do candidato do general passa bruscamente de 3% para 11%.

Rhodes já manda em ministros, Rhodes já põe e dispõe no xadrez da política nacional. Quando o seu candidato vencer — murmura-se à boca pequena — ser-lhe-á entregue a pasta de Ministro da Sanidade Intelectual da Nação.

A mulher que o descobriu, a obscura patrocinadora do programa «A face in the crowd», a sua amante de momentos, o seu refúgio no desespero e na dúvida, é afastada e afasta-se. E Rhodes afunda-se.

Vocês sabem: a Rádio, o Cinema, a TV, o Jornal, a mentira organizada ao serviço dos interesses particulares, a diminuição progressiva do índice mental dos ouvintes e dos leitores, com as consequentes facilidades de manobrabilidade.

Rhodes o Sumo Pontífice.

Rhodes o elaborador da opinião pública. Rhodes a simulação, Rhodes a mentira.

Mas na história há sempre um lado bom, nas histórias não é bonito acabar-se mal, e não agradaria um fim trágico. A emissão com Rhodes não é desligada — propositadamente — no momento em que o devia ser.

Os mineiros, as donas de casa, os frequentadores dos bares, o general, o candidato, todos ouvem as suas palavras, as suas verdadeiras palavras, de escárnio, de mofa de desprezo.

E pasma.

E não acredita. É lá possível.

Como? Eles o rebanho? Eles, pobres estúpidos que acreditam em tudo o que lhes dizem? Eles estúpidos...? Eles...? Eles...? Eles...?

E deixam de acreditar em Rhodes que desaparece da cena com força.

Mas o problema subsiste.

Porque Rhodes não era a força. Ele tinha-se equivocado. A força era a TV, o Cinema, a Rádio. A força não era ele, mas os que pensavam por ele e dele se serviam.

E todos esses lá ficaram. O público também se equivocou.

O problema subsiste, porque o público deixou de acreditar em Rhodes mas não deixou de acreditar na TV, na Rádio, no Cinema, no Jornal, na sua essência, e, implicitamente, nos que dominam todos esses meios de expressão, e permitiram Rhodes, e criaram Rhodes, e guiaram Rhodes.

Antes pelo contrário: acreditaram neles redobradamente porque tem necessidade de esquecer.

Rhodes foi o episódio, o mau episódio, O seguinte será, necessariamente, melhor. Pelo menos assim o espera a multidão, os espectadores, o público.

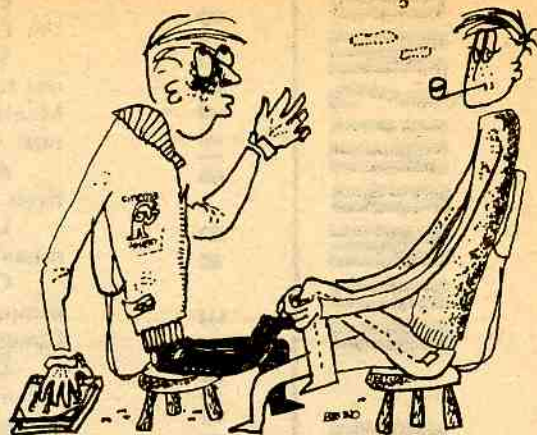
E se não for...

Bem, isso não é ainda um problema actual (assim como Rhodes já não é um problema actual), e o que realmente interessa é o momento presente.

Para quê pensar? Para quê raciocinar?

Sim, porque verdadeiramente

«bate papo»  
em corpo 8 redondo  
cinema x cinema



## IV encontro de cineclubes

2— Que se crie desde já uma revista, ou, na sua impossibilidade, folhas passadas a copiógrafo — a distribuir por todos os dirigentes cine-clubistas — onde se faça um resumo dos estudos que nas revistas da especialidade periodicamente se publicam ou que interessem à actividade cine-clubista.

3— Que os Cine-Clubes alarguem a sua actividade, promovendo o encontro do Cinema com outras formas de cultura, criando o seu entendimento, o seu interesse em relação a elas.

5— Que os Cine-Clubes procurem a inserção do Cinema na realidade da educação e na vida da escola, afirmando o cinema como uma necessidade imprescindível da pedagogia moderna.

6— Que os Cine-Clubes revejam a constituição das suas direcções e imediatamente convidem, para colaborarem nas tarefas de acção cultural e pedagógica, aqueles cujas provas dadas os apresentem como elementos culturalmente idóneos e, dentro destes, sobretudo os que trabalhem com os instrumentos da cultura tradicionais — literatura, teatro, música, etc..

## cinema: arma de propaganda

O cinema, como os restantes meios de informação, é frequentemente utilizado como processo de infiltração ideológica, como arma de propaganda de determinadas facções, ou como elemento de subversão dos verdadeiros valores morais e intelectuais.

Em virtude das suas propriedades específicas, a expressão cinematográfica é das mais concludentes e eficazes e portanto tendente a edificar uma verdadeira integração do espectador na realidade fílmica. Mas, possuindo por suporte uma máquina industrial perfeitamente lubrificada que tem por fim primeiro e último, recompensar materialmente os seus mentores, o que invariavelmente provoca o desvirtuamento da função educadora e artística do cinema, amordaçando e submetendo os seus mais lídimo representantes às exigências comerciais. O grande poder de influência da expressão cinematográfica é assim encaminhado em rumos nocivos e muitas vezes perigosos pela falsa concepção de valores que confere ao espectador vulgar.

O panorama cinematográfico actual, como também o literário, é dominado por uma invasão de subprodutos, especulativos sobre o baixo nível cultural das grandes massas que, consequentemente submergidas por essa corrente contínua não conseguem libertar-se do estado cultural caótico em que se encontram, motivado por diversas e complexas razões que não interessa aqui discutir.

(Do Boletim do CCUL — 1)



Não há tempo,  
não há tempo para parar  
e ver,  
devagar,  
a flor que abre  
e o sino que dobra  
no limiar do céu.

É a vitória final. A vitória final da negação do Espírito. A vitória final do rebanho e do arrebanhamento.

Porque nem mesmo aqueles que pensam poder dominar o rebanho com leis e meios subtis, escapam a essas leis e meios. Porque a roda dentada, uma vez posta em movimento, comanda toda a engrenagem.

O Espírito morreu.

A lei é o presente.

O sacrifício é um paradoxo.

E o Homem um Mito.

«Um rosto na multidão» é um filme de tese. É o rasgão na cortina, a luz fugaz que ilumina a cena.

Nós somos o público que vê «Um rosto na multidão», que vê «Fúria de viver», «O filho de Robin dos bosques», que vê tudo, que ouve tudo, que assiste a tudo, que é cilindrado por tudo.

Uma pergunta apenas:

— Temos os olhos focados para um só plano?

Esta é a pergunta principal de «Um rosto na multidão». Esta é a nossa pergunta.

— Temos?

Sim, porque tu, homem actual, deves olhar um pouco para tí próprio.

— Ainda sabes rir? Ainda sabes chorar?

— E pensar, ainda pensas? Ainda constrois mundos e castelos ou a Terra já gira demasiado depressa para ti?

— És Tu que Te vives, ou é a Sociedade que Te vive?

# EM BUSCA DE UM NOVO HUMANISMO

A JUVENTUDE AMERICANA NA VIOLENCIA E NO SILÊNCIO:

«The Golden Dream». THE UNITED STATES OF AMERICA. Estado Liberal. Um País, jovem de 182 anos, num corpo enorme.

Sol. Muito sol e depois chuva e neve. Planícies costeiras sabendo a sal e a azul; rios torrenciais, lagoas e florestas ciclópicas. Recifes coralinos fazendo gritar a vaga. Montanhas altas com frio e rochas. O Colorado. O Mississipi. Os Apalaches. Geisers. Cañons. Colossos.

Autoestradas. Autoestradas comendo cearas, vales, terras, espaços. Converteíveis, motos e camiões comendo autoestradas.

Locomotivas de aço uivando no vento; correndo pelo milho, pelo pomar, pelo rebanho.

Campo e cidade. S. Francisco, Chicago, Nova York. Little Rock. Miami. O campo fugindo para a cidade. Raças, credos, filosofias: cheiro a cidade: Aço. Cimento. Vidro.

Dinamismo. Muito piri-piri e poucas convenções. Bill, Ell, Bob. Mary. Chiclets. 161 milhões de habitantes. A obsessão dos números — na caderneta dos cheques, no conta quilómetros, na idade mental. Récorde. Alta fidelidade.

Rapidez no gatilho. Rapidez no amor. Rapidez na vida («cheque antes de partir»). Desporto. Jogo. Wisky. Montões de «... glad to meet you».

Fábricas. De automóveis, de revistas, de armas.

Olhos azuis, olhos verdes. Olhos frios, quentes. Maxilares apertados. «The struggle for life». O individualismo fechado. A desagregação social.

O objectivo da vida é quase só de raiz económica. O dinheiro domina todas as preocupações e anseios. E ocasiona as lutas para o conseguir. A «struggle for life» excessivamente cheia de descontracção, rapidez e dureza.

A coordenada é a rapidez. A batalha económica não deixa o lugar para outros pensamentos. O tempo escasseia.

E a vida gira rápida. Sempre mais rápida. Sem parar. Como uma gigantesca máquina, fria e impessoal. Rígida, geométrica. Infalível.

A tecnologia na primeira linha. Redução do Universo a números, ficheiros e catálogos. Substituindo a Arte e o Belo. Sempre: no trabalho, na diversão, no repouso.

O erro é morte. Desequilíbrio. Falência. Por isso as peças da máquina têm de ser resistentes e fortes, para aguentar o ritmo.

Cérebro, coração, músculos e nervos.

No fim; o dinheiro.

Para a satisfação de prazeres passageiros. Para o esquecimento.

—E vocês estão a ver os reflexos deste «culto»:

A família, o pai e a mãe, encontram-se continuamente solicitados pelos negócios, pelo emprego, pela sede de dólares; pelas festas e sessões de cinema, pelos week-end com os conhecidos; por toda uma maneira americana de viver: trepidante, absorvente. Febril.

E quando chega a hora das reuniões em família, o cansaço não permite o convívio. O corpo e o espírito pedem repouso. É o mutismo. São as incompreensões e os mal entendidos. Os recalamentos e as raivas amareladas.

Os filhos passam a ignorar os pais em tudo o que não seja fazer exigências.

E os pais condescendem. Comidos pelo comodismo. Pelo tal comodismo que sugere, «os jovens devem viver a sua própria vida...», «devem experimentar tudo, para saberem de tudo»; do tal que condescende, «ora... são coisas da idade»; do tal que manda e arruína. Que é produto. E crepúsculo.

Assim fica o jovem. Só, absolutamente só e entregue aos instintos e ao que lhe dão. Curioso. Aventureiro. Descobridor.



O Cinema. Os comic-cartoons. A TV. A Rádio, a Imprensa, a Literatura. Entrando em todo o lado. Instalando conceitos e imagens nos cérebros e no ar que se respira. Milhares de «Bill-o-carniceiro» «Capitão Marvel», «Superman», «Carmen & Cia». Contínuas vagas de pornografia, mais ou menos encobertas. A exaltação dos baixos instintos. Descrições pormenorizadas de métodos criminais e aventuras inconcebíveis. Toda uma vida reduzida ao absurdo. Imposição das «únicas realidades que valem a

pena: o sexo, o dinheiro. O prazer. «Ausência de valores morais e espirituais.

«Por de trás desta face negativa, homens inconscientes ou sem escrúpulos. Por detrás de tudo isso, a inexistência de bons educadores e artistas. Apenas técnicos mais ou menos pervertidos, carregados eles próprios na engrenagem do maquinismo.

O homem é desprezado como entidade ética, embrulhado em quatro (e depois em oito), metido na máquina complicada e apresentado à curiosidade do jovem como uma

coisa incrível e arruinada que para vencer, ser rico e influente, necessita da tasteira, da prepotência e do crime; e para quem só devem contar o sexo, o prazer e o dólar.

*São o produto de uma de um estádio da Humanidade. E o seu número vai aumentando impressionantemente.*

O jovem sente-se só.

Mas mesmo na solidão, mesmo na frustração subsiste o pensamento de que há muita coisa errada: muitos, então, passam a atribuir todas as culpas, única e sistematicamente à família e à sociedade: ignoram-se e desprezam-se como força e vida. Fazem-se bonecos de cera nas mãos duras do ambiente. Deixam-se cilindrar e tornam-se eles mesmos factores inconscientes da parte negativa da civilização.

Há também os que partem do mesmo princípio — os que olvidam que podem e devem construir, os que apenas vêem a sociedade e a família — e reagem. Pela violência.

Pela violência para afogar a angústia, a instabilidade e a sensação de vazio. Enchem-se de violência e de raiva. Pelos mitos, e no fundo, por eles próprios.

Do sentimento de solidão e de importância resulta *the crew* — a seita —. A seita é a instituição indispensável para a justificação dos seus medos particulares; a massa onde cada jovem cumpre um ritual de esquecimento e onde, inclusivamente, é necessária uma linguagem especial para a comunicação dos desesperos, das insónias permanentes, para os convites de amor-exibição, de *ennui*-exibição que os seus corpos quase já sem alma pedem ainda como único remédio para o ateísmo vital que os venceu.

«Há agora mais delinquência infantil nos E. U. A. que em qualquer outra época. A percentagem vai aumentando de ano para ano, assustadoramente. «E o pior é que a maioria dos delitos são praticados sem um objectivo determinado, apenas pelo prazer de destruir e de fazer mal. «Este género de delinquência reveste-se duma fâcies (...) fora do patológico, e nisso está o sitoma inquietante.»

São apáticos ou duros, arruinados ou ignorantes, — porque não querem ou não podem analisar a situação e construir um destino válido. Deixam-se ir.

«Em 1955, através dos E. U. A., meninos e meninas entre os 10 e os 17 anos cometeram 57 % dos roubos de automóveis e 47 % dos roubos domésticos. Desses delinquentes, 80 % eram meninos». «Em Nova Iorque o índice de delinquência para toda a cidade é de 48 casos em 1000 jovens. (Em 1955 foram apanhados 8.714 meninos e meninas).

O próprio comodismo sacudido nas suas sólidas estruturas procura compreender o que está sucedendo com a Juventude. Estado e particulares interrogam-se e propõem soluções. Realizam-se congressos de Imprensa, Rádio e Cinema. Há debates agitados nas sessões de Associações de Professores, Federação de Psicólogos, e Sociedade Protectoras da Infância. Aparecem os «Clubes de jovens» e campanhas da Imprensa. Tudo multiplicado por dez — por cem: a revolta continua a assumir proporções de tragédia...

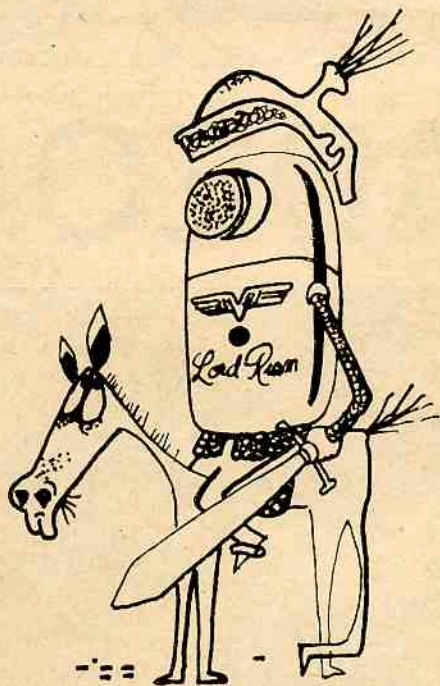
A par desses «ugly young-men» vive a geração silenciosa, a geração «que parece ser apática em comparação com algumas das suas antecessoras...», que não publica manifestos nem pronuncia discursos, nem faz ruído. A geração que dentro do silêncio investiga lúcida e friamente: *que busca um novo estilo de vida para um novo tempo.*

A geração que verifica «a hipertrofia da civilização técnica em contraste com a atrofia da cultura». E que vê com desconfiança o reinado da máquina e da burocracia — a redução de tudo à máquina: O Mundo e o Homem.

*A máquina como símbolo está na vida e em tudo: nas ruas, nos campos, nos céus e nos corpos. E não deixa lugar para mais nada: nem nos céus nem nos corpos nem nas almas.*

# PROCURA UM NOVO ESTILO DE VIDA PARA UM NOVO TEMPO

L  
O  
R  
D  
R  
I  
A  
M



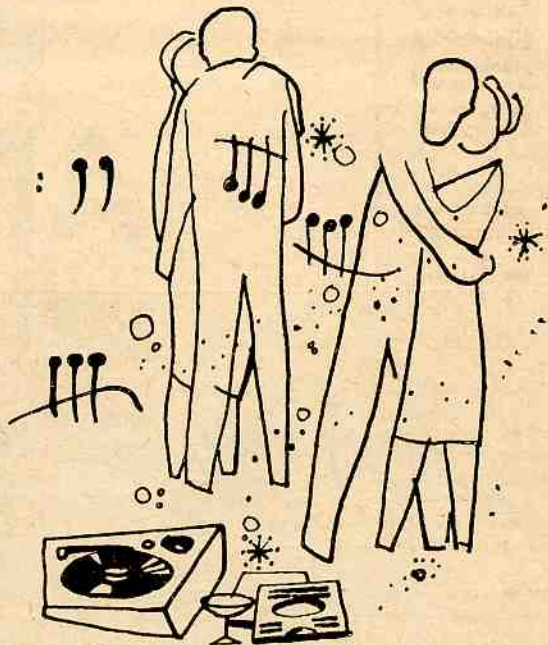
UM NOVO TIPO DE MÁQUINA DE BARBEAR ELÉCTRICA  
RIAM S. A. SUIÇA • PREÇO 275\$00

REPRESENTANTE: URBANO C. MIRANDA

AV. ALMIRANTE REIS, 89-F, 2.º-D.º

TELEFONES 5 87 35-5 68 44

LISBOA-1



D I S C O S  
JAZZ  
DANÇA  
SINFÓNICOS

AS MELHORES INTERPRETAÇÕES  
EM GRAVAÇÕES ESCOLHIDAS

GOUVEIA MACHADO

CASA ESPECIALIZADA

RUA DE S. JOSÉ, 62 ♦ TELEF. 2 55 17 ♦ LISBOA

## GALERIA

DA ARTE E DOS ARTISTAS  
CONTEMPORÂNEOS

AMADEO DE SOUSA-CARDOSO é o primeiro a aparecer-nos, na poeira dos anos e do esquecimento.

Vamos descobri-lo jovem, na idade e nas telas. Cheio de sonho e força ao longo da aventura que viveu.

«...Bandeirante da Arte Moderna portuguesa».

Em 14 de Novembro de 1883, em Manhufe, cerca de Amarante, nasce Amadeo Ferreira de Sousa-Cardoso. Tem nove irmãos e muitos parentes. O pai é proprietário rural. Alguns irmãos estudam no estrangeiro.

Vai crescendo, no clima bom da terra noroeste, rodeado por uma família em que o sentido prático da vida se alia ao estudo e ao espírito aberto.

Durante uma das muitas férias em Espinho, pelo quente verão trava amizade com Manuel Laranjeira, singular figura de médico, pensador e humorista trágico, «que enganava na vida a morte que trazia em si».

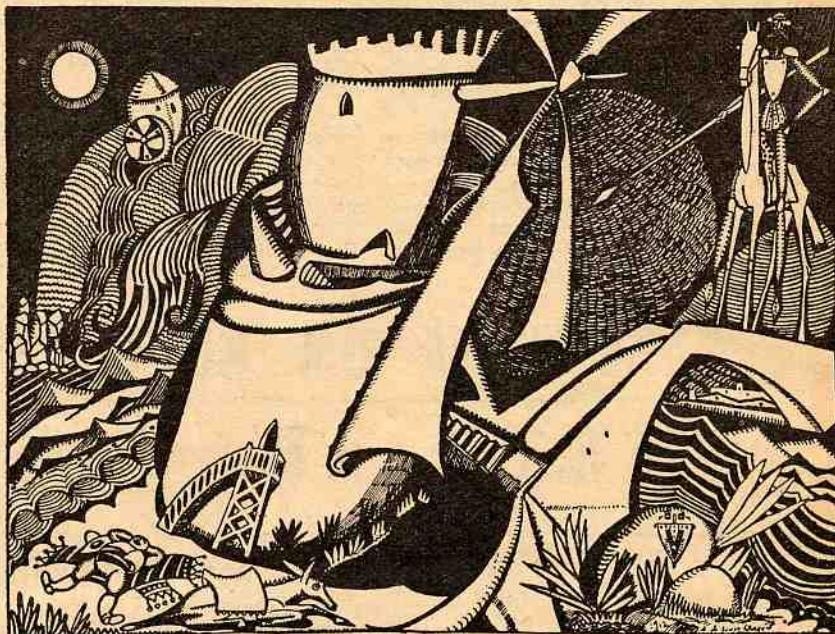
Dessa amizade, — as longas conversas por entre o morno do «café Chinês», e os passeios pela areia amarela da praia. Laranjeira vê os desenhos que Amadeo rabisca, os apontamentos e as caricaturas, e depois gosta de os criticar com objectividade. Amadeo vai aprendendo deste contacto.

Em Outubro de 1905 parte para Lisboa, resolvido a tirar o curso de architecto pela Escola de Belas Artes. Até 1906, data em que abala para Paris, «vive» o ambiente

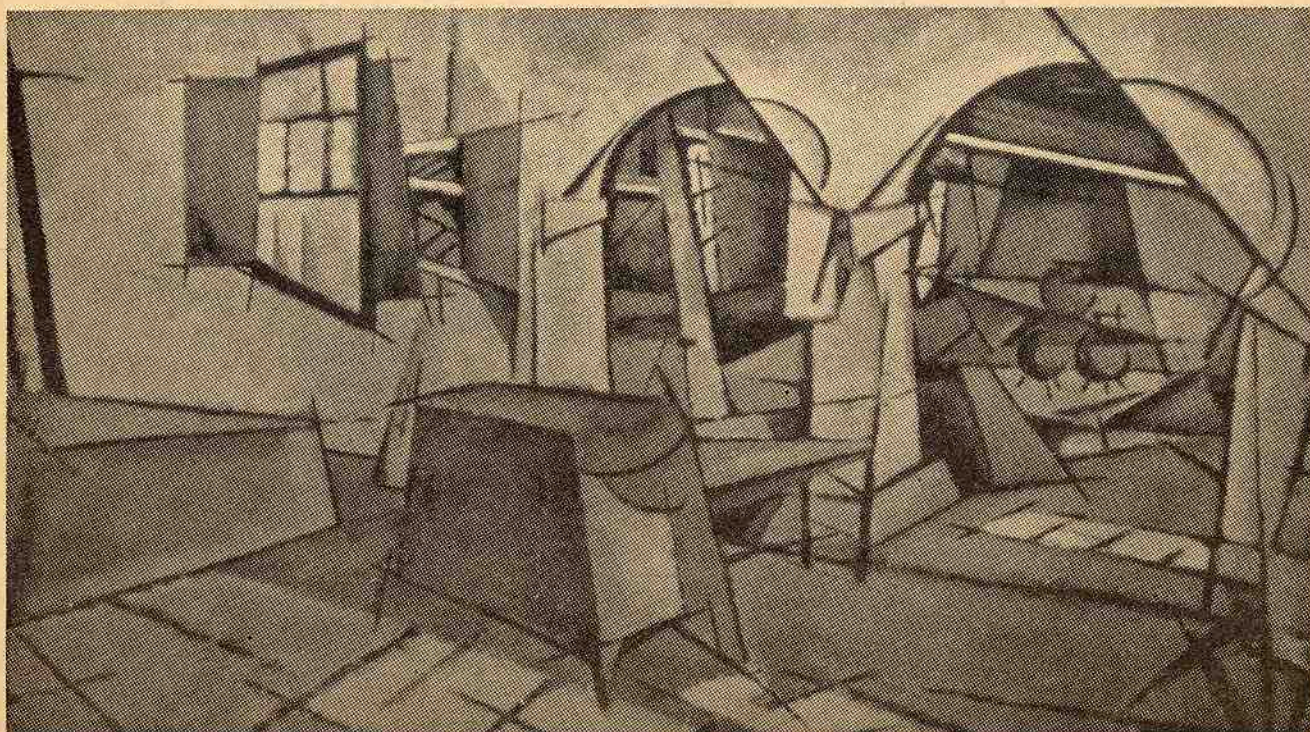
Pretende ser a chave para nova dimensão. A dimensão da poesia violenta, do amor, da alegria do ritmo, da vida selvagem, doce e apaixonada. Da cor. Do Volume. Dos Homens que a conquistam. E do resto. De tudo o mais.

Uma chave que diga de tudo isso e também da maneira como lá se *fala* e *pensa*.

Chave das orações, das angústias, e das dúvidas. E das descobertas.



## AMADEO DE



EM

## PORTUGAL

Distribui então o tempo entre Lisboa, a velha Manhufe, e a Pintura.

Pinta com raiva. As telas são coisas vivas, dinâmicas, «aço e turbilhão».

Em fins de 1915 tem 80 quadros, algumas aguarelas e ceras, e desenhos expostos ao público do Porto. Tem também o título de «abstraccionista», e a desconfiança das gentes. Depois tem o resto: As troças, os silêncios e as incompreensões de muitos.

O mesmo em Lisboa, quando mostra esses trabalhos.

De tudo, apenas a adesão entusiástica de alguma gente moça, cheia de fé e amor. Da tal gente que acredita «que vale sempre a pena, quando a alma não é pequena»... Com as «mostras de Amadeo o Futurismo em Portugal dá o passo decisivo. Almada Negreiros fala de Amadeo como «a primeira descoberta de Portugal na Europa do século XX.», e dedica-lhe o seu livro «K4 o Quadro Azul».

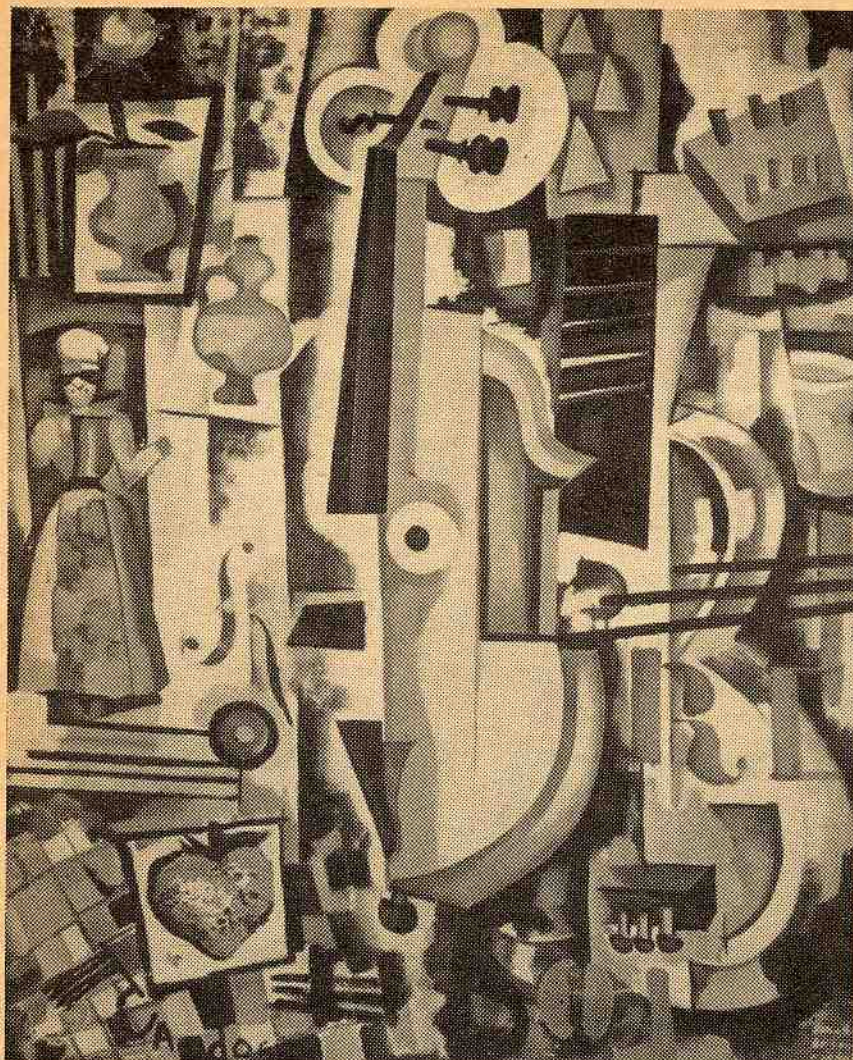
Depois de Lisboa, Amadeo recolhe-se à «Casa-mãe», e vai vivendo sonhos e telas.

Até que, em 25 de Outubro de 1918 aparece a morte.

Com ela o fim do pintor.

Bibliografia Amadeo de Souza-Cardoso de José Augusto França.

Fotografias gentilmente cedidas por José Augusto França e Editorial Sul: («O moinho» — desenho de 1912), («Cozinha de Manhufe» — de 1913), («O parto da viola» — de 1917?), (pintura abstracta — de 1913)



## SOUZA-CARDOSO

do da capital, com as suas vagas resscências de rendas e estilo Império. 1906.

Depois Paris.

Amadeo observa com curiosidade e sem medo o novo mundo que o cerca. Vai frequentando «ateliers» para o ingresso nas Artes.

Entanto a arquitectura não o atrai o, como o desenho e a pintura. Após meses de Paris e de reflexões, escreve e arranja o resultado da mudança que se faz nele. Desiste do Curso, e dedica-se firmemente à sua inclinação.

Em 26 anos e fome de tudo o que não é banal.

Começa então a trabalhar «com o entusiasmo que sempre punha nas suas decisões». Passa por alguns anos no estúdio de Anla Camarasa, pintor com certa celebridade em Montparnasse, e «independente de todas».

Pinta, desenha, esboça. Aprende. Na primavera de 1911 expõe no «Salon des Indépendents».

Depois encontra Modigliani, e da amizade que nasce resulta uma exposição em conjunto, no Outono do mesmo ano. Mostra também em Munique, na Alemanha.

Paris vive a febre dos grandes momentos. Novas experiências sacodem o universo da Pintura: o cubismo é a grande aventura.

No Salão de Outono de 1911 há três quadros seus «colocados pela sua singularidade na sala dos néscios cubistas» — e assim Amadeo participa, por tabela, nesse grande escândalo que o «Salon» provoca, com cartas de protesto, campanhas, e polémica numa imprensa indignada ou alarmada.»

Entra depois na «Armory Show» a formidável parada da *avant-garde* europeia no continente americano.

Entretanto Laranjeira mata-se em Portugal, e Modigliani segue outros rumos.

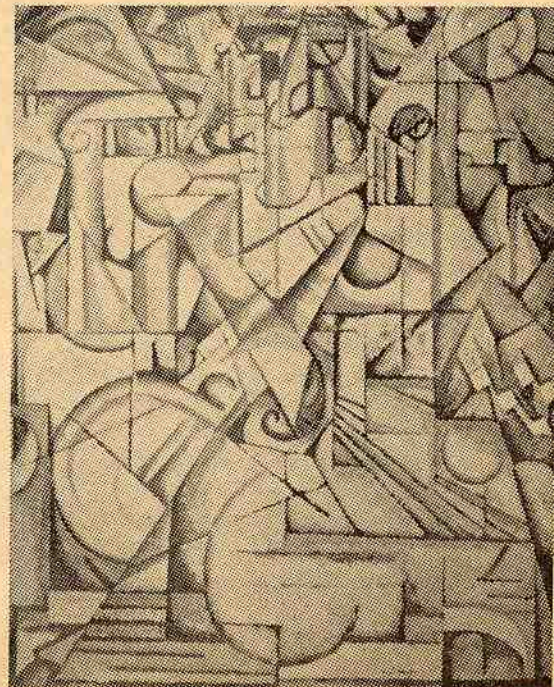
Amadeo está só, temperando a saudade com o fogo quente da *aventura*. Lança-se à criação. Cubismo. Abstraccionismo. Purismo.

Entre 1913 e 1914 «mostra» em Munique, Colónia e Hamburgo. No Verão de 13 expõe colectivamente na «Der Sturm», de Berlim.

Amadeo é conhecido e falado, e as suas obras discutidas.

...Quando a guerra surge, em 1914, encontra-se Amadeo a caminho de Portugal, onde se vem a consorciar com uma senhora francesa.

A guerra corta-lhe as estradas de Paris.



Em 1905 — «balbucia Amadeo a linguagem das linhas» — começa Manuel Laranjeira a descobrir e a acarinhar a inclinação do seu jovem amigo. Vê-lhe os trabalhos ainda hesitantes, fala-lhe deles com amizade, e vai-o aconselhando longamente.

Quando Amadeo parte para Paris em 1906, é ainda Laranjeira quem, em Portugal, lhe recebe os desenhos e regista a sua evolução, «de dia a dia adquirindo mais vigor e mais sobriedade no desenho.»

Desiste então da Architectura para viver e se dar todo ao desenho e à pintura. O clima em Paris é propício ao estudo: os melhores nomes assinam os artigos de «Le Courrier Français», da «Assiette au Beurre», de «Le Rire». Amadeo trabalha com entusiasmo. Ao mesmo tempo que estuda com Anglada, faz muitas «pochades» — impressões rápidas de cafés, exteriores e pessoas.

Depois de Anglada vêm as Academias Livres de Paris, e outras preocupações. «Tudo quanto aqui se faz é mediocre.» E Amadeo detesta a mediocridade. Esboça e pinta com calor...

# bandeirante da arte moderna

## E M P O R T U G A L

e fauna, tudo saiu do seu cérebro de lírico alucinado».

Amadeo fala nestes vinte desenhos do seu desdém pelo vulgar e mediocre («Que esta poesia seja bárbara, que este talento seja selvagem como uma floresta virgem de inquietantes enredamentos, tal a melopeia de uma tribo antropófaga, de tonalidades que horrorizam, que importa! é poesia e talento; é valor para quem ama a novidade e respeita a sinceridade e a franqueza, por brutais que sejam»).

São vinte pretos e brancos povoados de traços coleantes, duros ou sensuais, infundáveis, onde há cheiro a mistério e a eternidade. Trabalhados, e alguns deles plenamente conseguidos.

por esta altura, é a chave para a mudança).

«O movimento cubista foi e quiz ser um caminho para a abstracção» — observa Léon Degand.

E Amadeo é dos primeiros a entender e a praticar este caminho.

O abstraccionismo geométrico. Quase só segmentos, edificando uma dimensão tentadora e desconhecida.

O «purismo» surge na curva para 1915, com a sua técnica pontista e a fuga para a magestade arquitectónica.

Na curva para 1915... — mas já antes, no nascer de 1914 Amadeo o tateia: muros.

Portões, comidos por sombras e pontos tremulos — num curioso espírito de antecipa-

# AMADEO DE SOUZA-CARDOSO

O espaço entra nas suas telas por volta de 1911, nas paisagens dos arredores de Paris, segundo um largo ritmo curvilíneo, ajudado por cores simples. O *métier*, no entanto, não é ainda profundo. Amadeo está-se organizando. Procura um vocabulário próprio.

Nos fins de 1911 abandona os vagos «impressionismos» com *ajudas* de Cézanne, que até aí usa, para iniciar a batalha da conquista de um estilo.

E o estilo aparece: rudimentar nas soluções, mas afirmando certeza na escrita. As obras desta época vivem da poesia das curvas e do sobressalto de raro volumes de rectas. As curvas são tudo: estranhas, caprichosas, violentas. Cheias de sugestões. *Um certo ritmo semicircular característico do «pulso» de Amadeo começa a ganhar calor e maturidade.*

Por essa altura, e desde 1909, Paris agita-se com a canção selvagem dos *Ballets Russos*, repletos de imprevisão e aventura colorida. Amadeo corresponde ao apelo de aventura e mistério do espectáculo. Adere.

Ao mesmo tempo a arte negra, principalmente a escultura, começa a ser-lhe familiar.

Amadeo tem vinte e cinco anos, e desejo antigo de ritmo, exotismo e calor. É no desenho que satisfaz esse desejo. Deixa de lutar com a cor para a fazer ele próprio. Desenha imenso e em Agosto de 1912 manda imprimir uma selecção de vinte desenhos, em álbum.

«Amadeo criou um mundo novo. — diz então Louis Vauxcelles — A natureza, seres vivos, animais ou criaturas humanas, flora,

Entretanto sente que crescem dentro de si a força e a qualidade.

Tudo à volta dele evolui e ele quer evoluir.

Travam-se já as formidáveis batalhas da Arte Moderna, nas galerias, nos jornais, nas ruas. Nas almas.

«Para Amadeo vai acabar o descritivo e começar o inventivo».

Estuda o cubismo, e deixa-se influenciar de uma maneira particular por Fresnaye. Na nova aventura, Cézanne já está longe,...

1913 vê duas dezenas de telas cubistas feitas por Amadeo.

Telas em que aparece a poesia das curvas, cinzas e rectas, lutando na bidimensionalidade do quadro. A cor desempenha um papel dinâmico e reina a par do desenho. No fundo, a curva não consegue ter a força do segmento. O segmento, florestas de segmento, lutam com a curva e levam-na para um lugar modesto. O segmento tem existência definida. Recria o espaço e a forma amada ou sonhada. Cruza-se. Hesita. Salta. Constroi coisas, objectos, sensações.

E a seguir, outra porta se abre: a abstracção total. (Delaunay, que o jovem conhece

ção, melhor, de imaginação. Amadeo realiza o que se pode chamar de «purismo *avant-la-lettre*».

A seguir ao cubismo, na hora dos novos rumos, Amadeo encontra o «impressionismo», — parente daquele de sabor germânico, que chega até à Escandinávia.

Nessa altura viaja e visita a Bélgica.

Com o Verão de 1914 vem a guerra, e Amadeo a caminho de Portugal. Continua a pintar.

...Até que a febre do dinamismo se apossa dos seus pincéis: nas telas as linhas endurecem e as formas adquirem rigidez. O movimento é agora a base de tudo. Começam a ver-se autómatos sombrios e irrealis.

As violas. Tudo em vibração. Com os segmentos e as curvas, os círculos ajudam na velocidade. «Turbilhonamente vida de aço, de orgulho de febre e de velocidade». O ritmo força o drama. á tensão nos números e letras; no imprevisão. No propositado.

«Não é a técnica que me interessa — diz Amadeo — mas o temperamento. «Apenas que agora a técnica faz parte do temperamento.

*Isolado e cada vez mais solitário, Amadeo pinta certo com a orquestra europeia, para por vezes se adiantar, marcando compassos novos. Jovem de 31 anos, Amadeo é espectador e actor na maravilhosa aventura da Arte Moderna Europeia.*

*É contemporâneo e precursor.*

*No Outono de 1918 acaba a guerra e acaba-se-lhe a vida*

## ANÁLISE OBJECTIVA DA OBRA

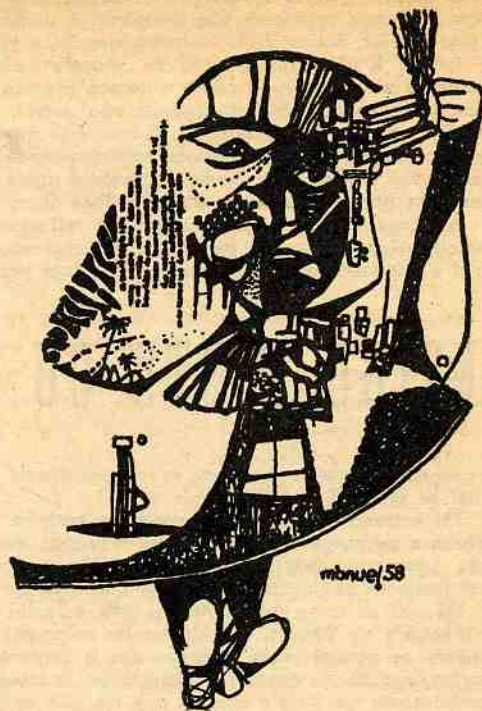


«Uma das figuras mais tristes e ridículas que se podem encontrar é a do homem incapaz de rir ou sorrir, indivíduo tão duro e tão completamente encerrado na sua psíquica seriedade que não pode ver o cómico da sua própria condição humana. É este o exemplar que teme, mais que qualquer outro, o humor, porque o sente dirigido contra si mesmo. Busca amparo no mundo da sisudês, horrorizado pela ideia de ver-se despojado do hábito que defende a sua dignidade. Receia, por outras palavras que o humor o dispa, revelando a pequenês da sua pessoa.

Geralmente são os burocratas quem em maior escala mostram carência de humor. E isso ocorre quando as suas atitudes convencionais e estereotipadas os impelem a matar a liberdade pessoal. Nunca esquecem a sua função oficial e inconscientemente, acabam por coincidir com uma caricatura.

O homem dotado do sentido do humor, evade esta identificação com os personagens e tipos convencionais. Inclusivamente quando se encontra numa situação difícil e penosa mantém a sua lucidez e serenidade espiritual, conseguindo sair, na maior parte dos casos, ironizando tudo como se não o tivesse atingido directamente — ou como se se tratasse de algo que pudesse mirar despreocupadamente. No humorismo se encontram, pois, superioridade e grandeza de ânimo, quase um orgulho pela vitória conseguida sobre si próprio, e sobre os próprios males. Saber trocar por broma e sorriso — e no momento mais oportuno — uma situação embaraçosa, significa possuir uma total liberdade espiritual, porque o sentido de humor é, mais que nada e sobretudo, independência de espírito.»

de: R. CANTONI (in *ÉPOCA*)



# o homem sem humor

era um homem tão duro (tão duro!...) que até comia "pregos"  
(convém ler isto nos momentos de mau humor)

L I V R A R I A  
A R I C I E

LIVROS TÉCNICOS E DE ARTE

ASSINATURAS DE REVISTAS

SECÇÕES ESPECIALIZADAS EM:

*Arquitectura, Urbanismo, Pintura,  
Escultura, Decoração, Mobiliário,  
Publicidade e Artes Gráficas*

AV. ALMIRANTE REIS, 106, 1.º-E. ☙ TELEF. 42266

LISBOA

## Colecção Argonauta

- ▲ O Décimo Planeta, por C. H. Badet
- ▼ Os Marcianos divertem-se, por Fredric Brown
- ▶ Salto no Tempo, por Yves Dumeze
- Mundo de Vampiros, por Richard Matheson

ESTES SÃO OS ÚLTIMOS VOLUMES PUBLICADOS NESTA FAMOSA COLECÇÃO DE FICÇÃO CIENTÍFICA, A COLECÇÃO CUJO ÊXITO ULTRAPASSOU TODAS AS EXPECTATIVAS

## Colecção Vida e Aventura

### A Odisseia de um Jeep através do Atlântico

UMA AVENTURA ASSOMBROSA, DESCRITA PELO PRÓPRIO AUTOR, BEN CARLIN, ATRAVÉS DE PÁGINAS EMOCIONANTES E COM FOTOGRAFIAS A DOCUMENTAR ESSE ORIGINAL EMPREENDIMENTO

PREÇO 50\$00

Noite Antárctica, PELO COMANDANTE JACK BURSEY, O COMPANHEIRO DO CÉLEBRE ALMIRANTE BIRDE; A LEITURA DESTA OBRA FASCINANTE COMUNICA UMA EMOÇÃO E UM ENTUSIASMO SEMPRE CRESCENTES. ILUSTRAM-NA INÚMERAS FOTOGRAFIAS

PREÇO 40\$00

Edições «LIVROS DO BRASIL» — R. dos Caetanos, 22

LISBOA

É natural que os estudantes do ensino secundário hipertrofiem um pouco o tamanho verdadeiro dum problema tão complexo e delicado como é este das relações inter-sexos na fase escolar, encontrando-se, como sucede, a viver directa e duramente as consequências dos factos. É derivado directo da própria natureza humana que aqueles que sentem duramente na sua própria carne e no seu próprio espírito o embate do meio ambiente lhe concedam um valor absoluto que ele não possui, e é portanto normal que com os pré-universitários suceda a mesma coisa. O contrário é que seria para admirar. Não tendo também uma experiência vasta e, digamos, experimentada — na medida em que experiências sucessivas se vão corrigindo e mesmo alterando umas às outras — muitos deles não vêm para além dum horizonte restrito, faltando-lhes elementos válidos de comparação.

Algumas respostas que recebemos reflectem precisamente as consequências desses condicionalismos e pecam, por vezes, por apaixonadas. Têm no entanto um interesse excepcional e um valor muito grande precisamente por provirem dos mais directos interessados

## ENSINO MISTO OU DIFERENCIADO?

na questão — aqueles a quem as consequências dum ensino misto ou duma segregação sexual se aplicarão sem remissão.

De estranhar, contudo, que poucos tenham tido a força de vontade suficiente para quebrar a preguiça e responder ao inquérito que tão directamente lhes interessa. Como ainda pensamos dedicar mais espaço às respostas dos pré-universitários, continuamos aguardando as respostas. Esperamos que sejam muitas, e pensadas.

Quanto ao tema propriamente dito, se cada um de per-si não atingiu plenamente as inferências a ele ligadas, o conjunto das respostas aborda de maneira suficientemente esclarecedora os pontos mais interessantes e importantes, apontando factos, esquematizando soluções, apontando consequências graves. É mesmo na medida em que cada um se refere especialmente aos prós e contras que vê, que os factos ganham uma significação nova e se projectam para além da linha restrita duma discussão puramente teórica, conferindo a cada palavra um vasto e pesado significado humano — porque o que eles dizem, sentem-no, vivem-no sofrem-no, interrogam-se e procurando as respostas adequadas aos problemas que são, *essencialmente*, os deles próprios.

As respostas são praticamente unânimes na defesa do ensino misto. Disso se ressentem o ponto dois, dedicado às vantagens e aos inconvenientes, pois praticamente só apresenta os inconvenientes da segregação sexual.

«Na segregação sexual só vejo inconvenientes à formação moral tanto do rapaz como da rapariga. A falta de relações e compreensão entre malta juvenil é imensamente assustadora. O rapaz que chega aos doze anos sem nunca ter convivido em grande escala com raparigas da mesma idade, em princípio ganha-lhes aversão, em seguida, na adolescência, só vê na rapariga o prazer, a diversão.»

«Há rapazes (ou raparigas), que não têm irmãs (ou irmãos) e por isso não convivem com representantes do sexo oposto.»

No caso do ensino misto...

«Os estudantes dos dois sexos habituam-se a conviver uns com os outros, e isso poderia talvez diminuir os problemas sexuais, que existem sempre numa determinada idade da vida. Por outro lado, para os estudantes ainda crianças isso poderia ter os seus inconvenientes, como por exemplo praticarem actos que poderiam influir no seu futuro.»

## A OPINIÃO DOS ALUNOS

«A separação quase leva os jovens de sexos diferentes a encararem-se como estranhos, talvez como perigos, e quase sempre como enigmas excitantes... «é nessa altura que entram as esperas às moças, o 'vou ver as moças ao meu povoado' em todos os locais em que vive um Liceu feminino. As moças aderem ao convite. E aí se podem seleccionar as companhias. (...) Aí triunfam quase sempre os piores. Aí nascem os amores esporádicos, os namoros à hora. Daí advêm tentativas sujas, por vezes de más consequências. (...) Reflectindo-se no futuro, vem as consequências matrimoniais.»

Quase todas as respostas recordam em que a maioria deseja um ensino misto. «Praticamente todos os meus companheiros defendem uma integração», embora, e isto nunca é demais sublinhar, porque é matéria para vastas locuções «uns com umas intenções, outros com outras.»

E ainda...

«...Alguns dos meus colegas, nada habituados à convivência sexual (não digo relações) vêem apenas nisso um meio de mais facilmente poderem ter relações, e não convivência e camaradagem». Mas esses são

uma minoria de mal orientados e mal educados e amparados pelo meio.

A fórmula atenuada, na necessidade absoluta de haver segregação, é defendida por todos.

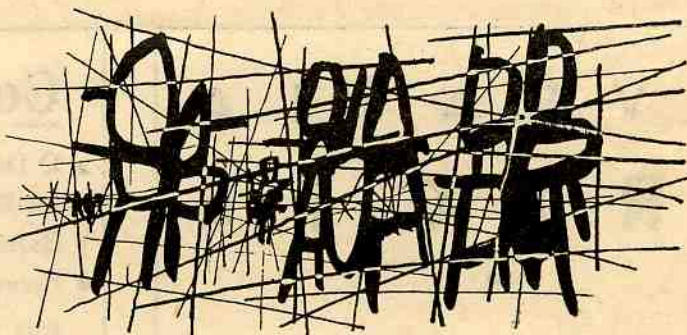
No plano propriamente dito dos inconvenientes do ensino misto, há respostas que a ele se referem com lucidez e visão.

«...São notórias as diferenças fundamentais entre ambos os sexos, considerados tanto no plano puramente biológico como mental. Fisicamente sabe-se da maturação mais acelerada da rapariga, comportando uma ascensão à vida adulta anterior à do rapaz. No plano mental, a rapariga é basicamente afectiva ...» O rapaz é frio e racional. Lógico, diria mesmo. Existe também uma diferença no tempo de assimilação, bem como nos pontos de interesse de ambos.»

«A integração no universo masculino provoca na mulher — intensamente na adolescência — um desvirtuamento dos seus fins e psique.»

Concorda-se que na escola primária «rapazes e raparigas se equiparam no plano físico», mas pergunta-se «se o convívio da escola os jovens colherão as normas de conduta que os guiem na nova dimensão. A priori parece um pouco discutível que isso suceda.»

A solução lógica seria «fazer-se uma experiência (...) para apurar resultados, portanto dirigida e sólida. Alguns Liceus, até ao 5.º ano seriam de ensino misto, e outros



... o tradicional «vou ver as moças ao meu povoado»

de um só sexo. Das conclusões apuradas derivariam as linhas de rumo a seguir.

No entanto, «mesmo na fase da puberdade se podem manter os contactos inter-sexos desde que no ensino se siga uma criteriosa doutrina ética.»

«As actividades circum-escolares devem ser também um meio de convívio social, e algumas (teatro, exposições, conferências) revestem neste domínio particular importância.»

Agora que já há com que concordar ou discordar — pois as afirmações de alguns destes rapazes podem perfeitamente não ser aceites por todos — mais fácil se torna dar resposta precisas e concisas. O que é necessário é não ficar eternamente parado, sempre à espera que seja outro a responder. Senão, sucede como na anedota do barril de vinho. Cada aldeão devia nele deitar um copo de vinho. Cada um pensou que se deitasse um copo de água ninguém notava. No fim, o barril só tinha água.

# GONG!

coluna do jornal

Toda a colaboração é bem recebida. Se queres colaborar basta meteres os originais dentro dum envelope, colar o respectivo selo, e enviá-lo para a nossa redacção. Se quiseres aparecer pessoalmente, podes vir. Nós cá te esperamos.

Se tens jeito para tocar qualquer instrumento, ou se tens boa voz, vem até aos nossos núcleos instrumentais e vocais. Se não tens muita prática, não faz mal. A prática é uma coisa que se adquire, e aqui tu podes adquiri-la. Local de reunião (provisório): R. de D. Estefânia, 14.

Assinaturas: dez números — dez escudos. **CADA LEITOR SE DEVE TORNAR UM COMPRADOR; E CADA COMPRADOR UM ASSINANTE.**

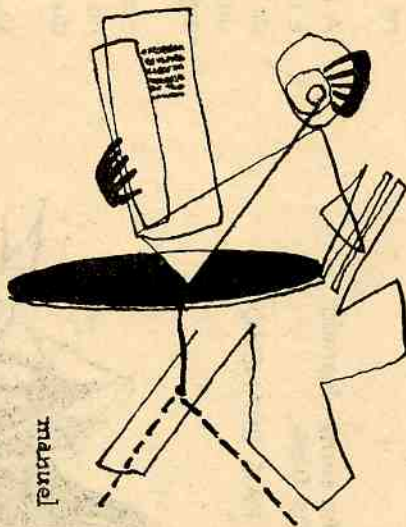
Assinando o Jornal, ajudas-nos a nós, pois nos facilita o trabalho de expansão, e passas a recebê-lo em casa sem mais encargos. Um Jornal como ROTA vive essencialmente dos assinantes. Não o esqueças: torna-te assinante.

Exemplar avulso: um escudo. **SECÇÃO DE CRÍTICA:** as obras enviadas para crítica devem vir em duplicado, bem como os ingressos para espectáculos teatrais, cinematográficos, culturais, etc. ROTA reserva-se o direito de criticar apenas as obras que o mereçam.

Preçário de anúncios: 1 página — 500 escudos. 1/2 pág. — 260 escudos. 1/4 pág. — 140 escudos. 1/8 pág. — 80 escudos. Com execução de desenho — mais 20%. Descontos: de 5 a 10 números — 10%; de 11 a 15 números — 15%.

**Teatro Experimental:** se tens vontade de pregar pregos, brincar aos electricistas, pintar cenários, representar, escrever peças, evoluir na problemática humana, viver, numa palavra — vem. A rapaziada espera-te. Local de reunião (provisório): R. D. Estefânia, 14. LISBOA.

**CORRESPONDÊNCIA:** Rua Barão de Sabrosa, 151, 1.º-direito. LISBOA 1.



imprensa universitária

# ORFEÃO

Agradecemos as palavras que o nosso colega da Imprensa Universitária «ORFEÃO» teve a amabilidade de nos dedicar. Cremos que à Imprensa Universitária está reservado um importante papel na evolução e na formação cultural, associativa e humana do Universitário Português, e por isso não queremos deixar de marcar a urgência do intercâmbio amplo, eficaz e contínuo entre os membros dessa Imprensa. De nada vale tentar protelar ou esquecer o problema, porque ele é superior aos factos e aos homens. Todos nós temos um dever a cumprir. Devemos cumpri-lo da melhor maneira que soubermos.

Pela nossa parte desde já comunicamos aos colegas do ORFEÃO e da restante Imprensa Universitária que estamos à sua disposição para tudo o que seja um benefício para o Estudante.

## MANSARDA

GALERIA DE ARTE

•  
SNACK-BAR

PARA ARTISTAS

(ABERTO ATÉ ÀS 2 DA MANHÃ)

RIGOROSA SELECÇÃO

•  
ANTIQUÁRIO

QUADROS

ÓLEOS

•  
MERCADOR DE QUADROS

•  
EXPOSIÇÕES PERMANENTES

RUA D. PEDRO V, 65-67 — TELEF. 2 06 45 — LISBOA

## FAVREL

MATERIAL PARA  
BELAS ARTES

•  
FORNECEDOR E FABRICANTE  
DE MATERIAIS PARA ARTISTAS  
TELAS — GRADES — ÓLEOS  
PINCÉIS — PASTEL — TÊMPERA  
GOUACHE — AGUARELA  
DESENHO — GRAVURA  
CERÂMICA — ESCULTURA  
E DOURADOS

•  
CORES EXTRA FINAS PARA ARTISTAS

•  
TELEFONE 2 82 05 - 3 42 75

317, 319, 321-A RUA DA ROSA, 321-B 323, 325  
(ESQUINA DA R. D. PEDRO V)

CASA VARELA

LISBOA